

CIDADE E PANDEMIA: Salvador no modo *delivery*

Djeane Ferreira Batista¹

Liliane Vasconcelos²

RESUMO

O artigo em construção busca dialogar sobre a cidade de Salvador, enquanto espaço político e a sua reconfiguração devido ao cenário pandêmico que assola toda a população. Vivenciamos a cidade como uma dilatação pública de nossa veracidade privativa, um lugar de trocas, de encontros e socialização. A partir da pandemia e consequentemente da necessidade do isolamento social notamos que o espaço urbano, que até então habitávamos presencialmente, precisa ser ressignificado de acordo com as medidas preventivas provisórias. É a partir desse olhar que nos debruçamos sobre as obras: *Imaginários urbanos*, de Armando Silva (2001), *O direito à cidade*, de Henry Lefebvre (2006) e *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Souza (2020). O referencial teórico analisado e discutido neste artigo dialoga com a urbe e com os desafios da pandemia atual. A pesquisa permitiu identificar e discutir o espaço político da cidade soteropolitana, as novas formas de explorar e de usufruir a cidade e seus elementos através das telas e do modo *delivery*, ou seja, viver a cidade, mesmo estando em distanciamento social.

Palavras-chave: Cidade. Literatura. Salvador. Cenário pandêmico.

1. INTRODUÇÃO

O termo pandemia é utilizado para descrever uma doença infecciosa que ameaça pessoas simultaneamente ao redor do mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar uma pandemia é afirmar que os esforços feitos para conter a doença falharam e que a epidemia está fora de controle. O diretor geral da OMS, Tedros Adhanom (2020) declarou que a Covid-19 é a mais grave emergência global de saúde desde sua criação. É partir desse cenário que situamos a cidade de Salvador e sua reconfiguração urbanística. O texto produzido busca refletir sobre o novo

¹ Especialista em Docência e Novas Tecnologias. UCSAL, e-mail: djeaneferreira32@gmail.com.

² Doutora em Literatura e Cultura. Professora do curso de Letras e do PPTDS da UCSAL, e-mail: Liliane.Vasconcelos@pro.ucsal.br.

formato de viver na/a cidade de Salvador com seus elementos num período de pandemia. A escrita tece uma discussão sobre a desigualdade que é externada, principalmente nesse período.

Segundo o filósofo francês Lefebvre (2006) a cidade é o lugar dos encontros e dos confrontos, num cenário pandêmico, em que as pessoas estão impossibilitadas de viver suas emoções e suas ações no espaço urbano, onde acontecerá esses encontros? Esses encontros foram transportados para as telas por meio das plataformas digitais, aplicativos no formato online e no modo *delivery*. Para discorrer sobre a atual crise urbana e ao direito à cidade que todos devem ter, esse artigo se apropriou das obras: *Imaginários urbanos*, de Armando Silva (2001), *O direito à cidade*, de Henry Lefebvre (2006) e *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Souza (2020). Para a discussão no campo literário a referência vem dos contos de Lorena Grisi: *A vizinhança* (2020) e *Hoje o Coronavírus chegou a Salvador. De tarde fui à feira* (2020). Além desses contos o artigo teve o audiovisual intitulado de: *Uma saudade chamada Salvador* (2020), lançado pela prefeitura de Salvador por meio das redes sociais.

2. A CIDADE ENQUANTO ESPAÇO POLÍTICO

Segundo Lefebvre (2006) as cidades são centros de vida social e política, onde se acumulam não apenas riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras de arte. Partindo dessa ideia notamos que o isolamento social descentraliza a função social e política da cidade de Salvador, no que tange os acúmulos abstratos e concretos e passa a interagir com uma estrutura móvel. Há uma ruptura, ainda que provisória, do sistema urbano existente e a *urbe* passa a existir com o auxílio de dispositivos tecnológicos atuais. A cidade enquanto espaço político passa a aderir às mudanças impostas, permitindo assim a conectividade com sua

população. Na cidade de Salvador coexistem diferentes territórios que no período pandêmico é totalmente externado.

Uma cidade não é só topografia, mas também utopia e delírio. Uma cidade é local, aquele lugar privilegiado por um uso, mas também é local excluído, aquele lugar despojado de normalidade social por um setor social. (SILVA, pág. 78, 2001.)

A afirmação de Silva nos remete as territorialidades da cidade em conformidade a lugares privilegiados e excluídos socialmente. Pensar a cidade e viver a cidade é ter expressividade nela e se reconhecer nos ambientes, nas construções, nas imagens e nos mais diversos espaços. Uma grande parte da população soteropolitana, de menor prestígio social, vive na cidade, mas não vive a cidade. Não ocupa a cidade por inteiro, conhecendo ou usufruindo os espaços mais centralizados ficando limitado aos seu local de moradia e conseqüentemente enxergando a urbe como uma mera superfície terrestre.

No momento atual da COVID-19, o tecido urbano soteropolitano vai evidenciando os grupos sociais, que habitam determinados espaços que podem, de fato, permanecer em seus lares e usufruir do que a cidade oferece no modo *delivery*. A entrega de produtos em casa já acontece há muito tempo, mas devido a pandemia atual e aos avanços tecnológicos essa prática se tornou necessária na vida da população brasileira e conseqüentemente de todos os lugares que foram atingidos com o novo coronavírus. O formato *delivery*, em Salvador, é direcionado ao público que pode arcar com suas taxas e pagamentos, infelizmente nem todos podem aderir a esse atual formato de consumo.

O sociólogo português Boaventura Santos (2020) diz que qualquer quarentena é discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros. O pensamento de Boaventura é externado no novo cenário constituído nas cidades brasileiras. As diferenças entre os modos de viver na/a cidade continuam no cenário pandêmico, e Salvador ganha novos contornos, novas medidas, novas restrições e novas possibilidades e, assim

consequentemente surgem novos olhares dos que vivem nela e dos que admiram a cidade.

Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 mil milhões de pessoas não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas. Em resumo, habitam na cidade sem direito à cidade, já que, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade. (BOAVENTURA,2020)

Diante dessa perspectiva é emergente pensar em alternativas proativas e inclusivas ao modo de viver, de consumir e de conviver numa cidade, com problemas urbanos visíveis de infraestruturas básicas de água e saneamento básico, especialmente nos bairros periféricos e populares da cidade de Salvador.

3. A CIDADE RECONFIGURADA

A capital da Bahia, primeira capital do Brasil e cenário de muitos registros históricos vêm agora se reinventando devido aos primeiros impactos epidêmicos, fruto do novo Coronavírus. A cidade que já ganhou apelido como de “capital da alegria” por suas festas populares, busca transportar algumas atividades para a tela através das *lives* e dos compartilhamentos de eventos em plataformas digitais. A urbe está sendo explorada e vivida através da tela, essas representações passam pelo campo do entretenimento (lazer, cultura, conhecimento e diversão) e da comunicação digital. O prefeito de Salvador, ACM Neto e o governador da Bahia, Rui Costa estão alinhados, nas redes sociais, por meio de suas contas oficiais no *facebook*, *twitter*, *instagram* e também por meio da emissora de televisão educativa brasileira (TVE - Emissora essa que tem como objetivo difundir a cultura do estado e ajudar na formação do telespectador) para informar a população sobre todas as medidas articuladas por eles, tanto na rede pública quanto na rede privada. A pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018), externa informações acerca do acesso à internet da população brasileira:

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. (Publicado em 29/04/2020 - Por Mariana Tokarnia - Repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro).

Embora essas modificações tenham como objetivo possibilitar a cidade existir em meio a um cenário avassalador e preocupante, essas medidas não abrangem toda população soteropolitana. É importante ressaltar que para ter acesso a essas informações e aos diversos conteúdos citados faz-se necessário a aquisição de internet e de aparelhos apropriados.

No conto de Grisi intitulado de *Hoje o Coronavírus chegou a Salvador. De tarde fui à feira*, a autora narra as primeiras notícias sobre a

chegada do vírus na capital baiana e como a cidade começa um processo de transformação. Como ir a uma feira literária, nas ruas de Salvador, se tornou algo irresponsável. O narrador-personagem transporta para a escrita as suas inquietações acerca do novo coronavírus e vai tecendo um conjunto de reflexões, no que tange a chegada do vírus a saúde, a ética e ao afeto:

Hoje teve feira de literatura e ilustrações na cidade e, contrariando as expectativas, ela não foi cancelada. Algum leitor pensará irresponsável que a feira tenha acontecido, pois ela pressupõe aglomeração de pessoas, contatos próximos e contágio em massa, caso o corona seja apreciador de literatura e de ilustrações. Passei dois dias querendo ir à feira e me perguntando se seria ético. E se sou justamente eu a ser contaminada e a transmitir o vírus para amigos e colegas de trabalho? (GRISI, 2020).

As reflexões acerca do novo coronavírus é tomada por grande parte da população soteropolitana, que aos poucos vai se distanciando e encarando o seu novo formato de vida social. A cidade é o espaço dos encontros, da diversidade, das forças sociais e o ser humano é como uma obra, que faz parte desse espaço urbanizado.

A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade. (LEFEBVRE, pág.: 15, 2006).

A cidade está em processo de mudança, os encontros vão se distanciando do presencial e intensificando novas ferramentas tecnológicas como, por exemplo, o *online*. As salas de aula passam adentrar as plataformas, numa esfera digital, embora um país, como o Brasil, que traz marcas visíveis de desigualdade, nem toda a população consegue ter acesso a esses recursos. As lojas que compõem os shoppings começam a vender seus produtos no formato drivethru. Um tipo de serviço que para obter o produto o cliente não precisa sair do carro. Esse serviço acaba por atender a um determinado grupo, que no caso possui um veículo particular.

Figura 1- Pelourinho (Centro Histórico)



Fonte: Marcos Ferreira, 2020.

O filósofo Lefebvre afirma que quando surgem momentos críticos nas cidades há também possibilidades de mudanças, de reflexão sobre o espaço urbano habitado. As palavras do filósofo externam as mudanças provisórias da cidade de Salvador que podem ser estendidas e abrir espaços para visibilizar o que estava invisível aos olhos do Estado, de políticas públicas. A diminuição da poluição atmosférica: devido à redução de automóveis, o uso expressivo de bicicletas, o silêncio que foi tomado pelas ruas de Salvador, a higienização dos espaços coletivos, os cuidados com o próximo e consigo, e as campanhas solidárias são algumas das mudanças ostensivas nesse período pandêmico.

Por ocasião de cada período crítico, quando estaciona o crescimento espontâneo da cidade e quando se detém o desenvolvimento urbano orientado e marcado pelas relações sociais até então dominantes, é então que aparece uma reflexão urbanística. (LEFEBVRE. pág.: 56, 2006).

O início do século do século XXI trouxe para a população mundial, brasileira e também a baiana um novo cenário que se desenha de forma dramática, emergente e sem tempo de ponderação. A cidade não é a mesma, e isso é perceptível numa ida ao supermercado, numa ida ao hospital ou no trajeto para o trabalho, no caso, para os profissionais que prestam serviço no ramo do que é nomeado de essencial. O centro urbano não é o mesmo daquele que estávamos acostumados a transitar. Os eventos como os festejos juninos, o dois de julho e as feiras literárias que eram esperados por meses e até anos foram cancelados ou transportados para o *online*, por intermédio das *lives* a cidade servida no modo *delivery*

Alguns cantores/cantoras fazem shows no modo virtual, museus compartilham exposições virtuais e editoras liberam o acesso *online* e gratuito de livros como forma de amenizar a tensão do isolamento, que é sentido pela população brasileira. No conto nomeado de vizinhança, de Lorena Grisi (2020) nota-se a inquietação da autora em relação aos dias vividos em casa, em isolamento social. Percebe-se nas linhas abaixo que o

ponto de fuga de ambos personagens está nas séries, na meditação e no diálogo por meio dos aplicativos, tudo isso vivido nos cômodos da casa.

Isolados em casa, ele, ela, todo um edifício, toda uma cidade, todas as cidades. Esse é o segundo domingo de confinamento. Ele não aguenta mais. Ela medita e pensa que o universo tem seu propósito. Bem no final do episódio da série dele, bem no meio da chamada de vídeo dela, ruídos vindos de fora. Gritaria, trocam de cômodo: ela sai do quarto e vai para o escritório, ele sai do sofá e vai para o quarto. Pensam, ambos, como são restritos seus pontos de fuga (GRISI, 2020).

A escritora relata atitudes diferentes de dois vizinhos que residem no mesmo prédio, embora o cenário pandêmico seja o mesmo, eles têm comportamentos distintos. Notamos, na fala de Grisi, o silêncio que é entoado da cidade. As ruas da urbe ficam caladas e o máximo que conseguimos é vivenciá-las de uma janela, ou da porta de casa. No dia treze de julho, deste ano, a prefeitura de Salvador por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) lançou a campanha intitulada de *"Uma saudade chamada Salvador"*, que tem como objetivo despertar as boas lembranças nos soteropolitanos e nos turistas: de manter as belezas, as imagens e os cheiros típicos de Salvador no imaginário das pessoas. O audiovisual que tem como protagonista a cantora baiana Larissa Luz e fragmentos de conteúdos digitais, finaliza com um chamamento aos moradores e aos turistas, de voltarem a viver a cidade quando findar o período do isolamento.

Figura 2- Imagem de Zumbi dos palmares (Centro Histórico)



Fonte: Marcos Ferreira, 2020.

Salvador, que recentemente passou por um intenso movimento, o carnaval e as festas que antecedem e sucedem esse evento, hoje o que se vê é uma quietude. Bares, lojas e restaurantes fechados, a pandemia causada pelo novo coronavírus ataca impiedosamente a cidade. Nesse silêncio gerado devido ao novo cenário pandêmico algumas pessoas sentem mais como , por exemplo, os idosos, as pessoas que não desfrutam de recursos tecnológicos que, nesse momento, ajudam amenizar a angústia provocada pelo isolamento social. Desde que o governo anunciou a decisão de confinar a população em suas casas, a cidade ficou em silêncio passou por transformações na esfera educacional, comercial, de saúde e de entretenimento. O novo normal que a urbe vem aderindo juntamente com sua obra, o ser humano, causa impactos na vida de todos, evidentemente de formas diferente, mas toda a população vivencia o silêncio causado pelo distanciamento social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os argumentos apresentados nesse artigo é evidente que a pandemia do novo coronavírus está causando mudanças drásticas no mundo e não é diferente na capital baiana. O novo cenário que está sendo desenhado traz muita novidade para uma população que não estava tão inserida nas novas ferramentas tecnológicas. A cidade é um espaço político, as pessoas vivem nela de diversas formas, embora haja determinados grupos que conseguem viver a cidade por inteiro, outros grupos vivenciam a cidade em partes. Salvador está sendo reconfigurada, novos formatos, novas possibilidades estão em curso, a cidade oferecida no *delivery*, no *drivethru*, nas *plataformas digitais* e até mesmo no *drive-in*, em relação ao novo formato de aulas, de vendas, de compras, de entretenimento, de diversão e de leituras, todas no modo *online*. Limitação por clientes em lojas, o uso de máscaras, restrição em ambientes públicos e privados como praças, praias, museus, teatros, centros históricos, igrejas e

outros. A população está vivenciando a urbe de casa, da televisão, da tela do celular, do computador ou por meio da literatura. A literatura tem um papel importante nesse período, através das histórias contadas, como as retratadas nos contos de Grisi: *A vizinhança* e *Hoje o Coronavírus chegou a Salvador. De tarde fui à feira*, nos deparamos com situações similares as nossas e nesse exercício de ver nossas dores, angústias, tristezas e medos nos personagens lidos, refletimos sobre a nossa vida sobre a vida do outro, viajamos sem sair de casa, dialogamos com pessoas e lugares distintos, além de aguçar o pensamento crítico diante da situação vivida.

Diante dessa perspectiva é preciso pensar e repensar que os modos de olhar a cidade são diferentes, que parte de onde cada indivíduo habita e que para a população que reside em bairros populares e periféricos o cenário pandêmico chega a ser mais desafiante e alarmante. A proposta do artigo foi a de discutir e refletir sobre a cidade soteropolitana em meio a atual conjuntura epidemiológica, não há pretensão de dá uma conclusão para um tema tão amplo e tão novo, em relação às pesquisas e a definição, mas de pensar no novo formado de viver a cidade, por meio das ferramentas tecnológicas, por meio da tela e de pensar em alternativas que ampare toda a população de forma igualitária, pensar em uma Salvador inclusiva.

REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. A cruel pedagogia do vírus, 2020.

SILVA, Armando. Imaginários urbanos, 2001.

GRISI, Lorena. Contos: Vizinhança e Hoje o coronavírus chegou a Salvador. De tarde, fui à feira, 2020.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e confinamento, a solidão, 2020.

UMA SAUDADE chamada Salvador. Direção: Usina digital. Interprete: Larissa Luz. Conteúdo digital. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DESIGUAIS e caóticas cidades latino-americanas se preparam para o pós-pandemia. Estado de Minas internacional, 20. maio.2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/05/20/interna_internacional,1149017/desiguais-e-caoticas-cidades-latino-americanas-se-preparam-para-o-pos.sh tml Acesso em: 05 jun.2020.

PFLUEGER, Grete. ARTIGO: Reflexões sobre a extensão e a cidade na pandemia. Assessoria de Comunicação Institucional/ Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 05 jun.2020. Disponível em: <https://www.uema.br/2020/06/artigo-reflexoes-sobre-a-extensao-e-a-cidade-na-pand emia/> Acesso em: 08 jul.2020.

NETTO, V. de M.; PASCHOALINO, R.; PINHEIRO, M. Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência. VIRUS, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 08 jul.2020.

MARS, Amanda. Nova York, uma história de duas pandemias. Brasil, El país.06 abr.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-06/nova-york-uma-historia-de-duas-pand emias.html> Acesso em: 10 jul.2020.

O IMPACTO do coronavírus na periferia de Salvador. Folha Uol. 02. abr.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/perifaconnection/2020/04/o-impacto-do-coron avirus-na-periferia-de-salvador.shtml> Acesso em: 10 jul.2020.

REDAÇÃO O Estado de S. Paulo. OMS diz que covid-19 é a mais severa emergência de Saúde global na sua história. 27.jul.2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-diz-que-covid-19-e-a-mais-severa-emergencia-de-saude-global-na-sua-historia,70003377223>. Acesso em: 29.jul.2020.